

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS  
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
KEILA MOREIRA MÁXIMO**

**UM PODCAST SOBRE A (NÃO) REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA  
NO TELEJORNALISMO DE VARGINHA**

**KEILA MOREIRA MÁXIMO**

**UM PODCAST SOBRE A (NÃO) REPRESENTATIVIDADE DA MULHER  
NEGRA NO TELEJORNALISMO DE VARGINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Esp. Marco Antônio Leite.

**Varginha**

**2021**

**KEILA MOREIRA MÁXIMO**

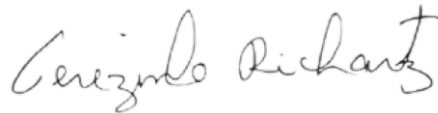
**UM PODCAST SOBRE A (NÃO) REPRESENTATIVIDADE DA MULHER  
NEGRA NO TELEJORNALISMO**

Relatório de produto final apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Esp. Marco Antônio da Silva Leite

Aprovado em 06 / 12 / 2021

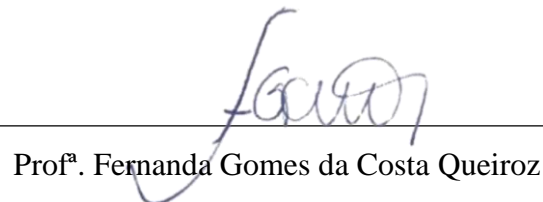
Type your text

Type your text



---

Profa. Dra. Terezinha Richartz Santana



---

Profª. Fernanda Gomes da Costa Queiroz



---

Prof. Marco Antônio da Silva Leite

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que foi quem proporcionou os meios para chegar até aqui. A caminhada não foi fácil mas Ele permitiu que o caminho tivesse lindas paisagens e foi o que me fortaleceu. Aos meus filhos por entenderem a ausência e respeitar o momento da realização deste sonho. Vocês são incríveis e merecedores desta conquista. Aos meus pais que me impulsionaram com todo amor, cuidado e foram primordiais durante todo o percurso. Nada seria de mim sem vocês! Aos meus avós, Iria Profeta de Araújo Moreira e Vitor Ponciano Moreira (in memória) que me ensinaram o que é caminhar pela fé mesmo sem entender.

A todos os meus amigos que estiveram ao meu lado em oração e na torcida pela minha conquista. Saibam que sou eternamente grata por tudo. Aos mestres que durante todos os períodos compartilharam dos seus conhecimentos, acreditando que formariam grandes comunicadores. E não poderia deixar de agradecer pela amizade construída na faculdade que muito contribuiu com minha vida acadêmica, Talita Rodrigues, obrigada por tantas histórias durante estes 4 anos.

E aqui finalizo dedicando este trabalho a todas as mulheres negras que serviram de inspiração durante essa pesquisa.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 01 – Número de jornalistas negros na cidade de Varginha.....	19
Figura 02 – Mulheres negras em cargos de visibilidade .....	19

## RESUMO

O presente trabalho propõe a criação de um podcast que reflete a falta de mulheres negras no telejornalismo em Varginha, Minas Gerais. A análise aborda o cenário atual de desigualdade no país, que além da raça e etnia, também está relacionado ao gênero feminino. O texto “A mulher negra no telejornalismo de Varginha”, considera o racismo estrutural que permanece presente na sociedade como também nas emissoras televisivas, um dos motivos pelo qual se faz tão ausente a visibilidade de repórteres e apresentadoras negras nos telejornais. O intuito desta pesquisa foi entender o perfil dos jornalistas que atuam como apresentadores dos noticiários da cidade e por meio dos dados obtidos com pesquisas quantitativas e exploratórias. Notou-se que o número de mulheres negras atuantes nas emissoras da cidade é inferior comparado ao número de mulheres brancas. Além disso, percebeu-se certa carência da raça/etnia negra no meio jornalístico local, analisado através da programação de quatro emissoras como, EPTV Sul de Minas, Alterosa, Rede Mais e TV Princesa. O podcast produzido aqui como produto final desse trabalho de conclusão de curso foi uma roda de conversa entre mulheres negras que abordou assuntos sobre o racismo e melhor categoria social, baseado nos dados obtidos.

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Telejornalismo. Racismo. Desigualdade.

## ABSTRACT

This work proposes the creation of a podcast that reflects the lack of black women in television journalism in Varginha, Minas Gerais. The analysis addresses the current scenario of inequality in the country, which, in addition to race and ethnicity, is also related to the female gender. The text “A mulher negra no telejornalismo de Varginha” “*Black women in Varginha's television journalism*” considers the structural racism that remains present in society as well as in television stations, one of the reasons why the visibility of black reporters and presenters in television news is not present. The purpose of this research was to understand the profile of journalists who act as newscasters in the city and through the data obtained from quantitative and exploratory research. It was noted that the number of black women working on the city's stations is lower compared to the number of white women. In addition, there was a certain lack of black race/ethnicity in the local journalistic environments, analyzed through the programming of four stations such as EPTV Sul de Minas, Alterosa, Rede Mais and TV Princesa. The podcast produced here as the final product of this course completion work was a conversation circle among black women that addressed issues about racism and better social status, based on the data obtained.

**Keywords:** Black women. Television journalism. Racism. Inequality.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 Telejornalismo: conceito e contexto histórico em Minas Gerais.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A mulher negra no telejornalismo de Varginha.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 O Podcasting: um novo formato de comunicação .....</b>	<b>21</b>
<b>3 CONSTRUÇÃO DO PODCAST <i>BLACK NEWS</i>.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1PRÉ PRODUÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2Roteiro.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3A roda de conversa com elas .....</b>	<b>26</b>
<b>4 PRODUÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>5 PÓS PRODUÇÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>
<b>ROTEIRO.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>40</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O racismo estrutural é uma concepção em que se entende que tal prática não é uma ação individual ou de algum grupo específico, mas é parte da ordem social, já que ele pertence à estrutura da sociedade e está enraizado na mesma. Nessa concepção, entende-se que o racismo é reproduzido por toda a sociedade porque ela foi estruturada a partir da dinâmica racial causada pela escravidão (os pretos como seres inferiores).

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional. (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Desde então, embora os pretos sejam a maioria da população brasileira, o espaço atribuído é limitado, já que os brancos se consideram a maior parte dos indivíduos. Em 2019, uma pesquisa realizada pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua) apontou que o sexo feminino é a maioria no país e que a mulher negra representa a maior parte na população brasileira. E mesmo assim, o preto sente uma certa dificuldade para trabalhar em lugares que podem trazer visibilidade ou ocupar cargos de destaque dentro de alguma instituição. Principalmente para as mulheres pretas, a desigualdade é um fator relevante que faz com que a escolha de uma profissão seja levada em consideração. O telejornalismo é um exemplo disso. A desigualdade é visível e é neste ambiente que se encontra um número muito inferior de representantes negros e principalmente de mulheres negras.

Este estudo tem como objetivo analisar a (não) representatividade da mulher negra no telejornalismo de Varginha/MG.

O trabalho de conclusão do curso está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução. O segundo capítulo apresentará um breve contexto e o conceito histórico dos telejornais de Minas Gerais. Em seguida será apresentada uma breve observação nos telejornais da cidade de Varginha, Minas Gerais, mostrando que ao serem observados, notou-se a carência da representatividade negra, o que levanta o questionamento sobre o estereótipo de mulheres que atuam como apresentadores dos

noticiários da cidade, e que pressupõe que são levados em conta o perfil, raça e gênero, reforçando a hipótese de que as emissoras estão pautadas em estereótipos europeus.

O problema central para a realização desta pesquisa foi buscar entender: por que não há espaço para mulheres negras no telejornalismo de Varginha? Além disso, faremos uma breve análise da história do negro no mercado de trabalho, destacando o percentual das mulheres, principalmente nos telejornais, buscando, também, uma análise que será embasada no critério “observado” de escolha dos profissionais que as emissoras locais usam para a contratação. Além disso, a autora da pesquisa levou em consideração a importância de ressaltar sobre o lugar de fala pautada na filósofa Djamila Ribeiro e também o novo conceito de comunicação que é o *podcast*, visto que o trabalho consiste na produção de uma roda de conversa. Entendendo que se na TV não tem mulheres negras em cargos de visibilidade o *podcast* pode ser usado como uma plataforma para debater a questão. “Já que na tv elas não estão.”

Desta forma, o terceiro capítulo apresenta a elaboração da pré-produção do produto final como a construção do roteiro e o convite feito a duas mulheres negras para fazer parte da roda de conversa.

O quarto capítulo descreve a produção e como foi feita a gravação do produto final que uniu as informações da pesquisa ao conhecimento das convidadas e levantou a questão do racismo estrutural.

Assim, o *podcast* será apresentado para contribuir no conhecimento da sociedade de que a ausência da mulher negra no telejornal é pautada no racismo estrutural da sociedade nas instituições. Desta forma, acredita-se que as empresas possam rever o conceito de contratação dos jornalistas, dando mais oportunidade para as negras em cargos de visibilidade dentro das emissoras.

E por fim, no quinto capítulo mostra-se a pós produção que passou por edição e finalização do produto.

## 2 TELEJORNALISMO: conceito e contexto histórico em Minas Gerais

O jornalismo é um meio de comunicação que forma a opinião de um indivíduo em todos os aspectos. A televisão é um veículo de comunicação usado pela maioria das pessoas mesmo com a entrada da nova era digital. Segundo (GOMES, 2011, p. 20), “O telejornalismo é, então, uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação[...].” Este é um meio onde as opiniões dos indivíduos são construídas e é através deste meio televisivo que a sociedade é constituída.

A concepção de que o jornalismo tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível e de que o faz através das várias organizações jornalísticas é uma construção: é da ordem da cultura o jornalismo ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas. (GOMES, 2011, p. 20).

A comunicação através da televisão chegou ao Brasil na década de 1950, mais especificamente em 18 de setembro. No dia seguinte foi transmitido o primeiro jornal pela TV Tupi, que fazia parte do grupo empresarial de Assis Chateaubriand e tinha o nome de “Imagens do Dia”. Naquela época o Brasil passava por mudanças na política, quando Getúlio Vargas foi eleito presidente no dia 03 de outubro do mesmo ano. Dois anos depois, surgiu o jornal que teve mais força e sucesso, o “Repórter Esso”, transmitido inicialmente pela TV Tupi de São Paulo. MELLO comenta que “o ícone do rádio foi transmitido pela primeira vez na TV, em 1º de abril de 1952, apresentando 33 minutos de duração. Com a frase ‘Aqui fala o seu Repórter Esso – testemunha ocular da história’” (MELLO, [2008?], p. 3. Diferente de hoje, o telejornalismo era simples e direto com o intuito apenas de transmitir a informação casando com imagens sem edições.

[...] a TV Tupi transmite o primeiro telejornal do Brasil “Imagens do Dia” que mostrava imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos daquele dia. Com comando de Maurício Loureiro Gama, o telejornal durava o tempo que fosse necessário pra a transmissão de todos os fatos e imagens (MELLO, [2008?], p. 1).

E mesmo com a entrada de outros meios de comunicação como a internet em 1985, a televisão não perdeu o espaço permanecendo no topo dos veículos mais confiáveis e vistos pela sociedade. Segundo a última pesquisa feita pelo IBGE, em 2019, 96,3% dos domicílios brasileiros possuem televisão em casa. Levando em consideração a importância da informação, o telejornalismo trabalha no intuito de apresentar fatos que mostre a verdade dos acontecimentos em todos os âmbitos.

Pensando sobre as consequências do “dilúvio comercial” sobre o sistema midiático europeu, Blumler e Gurevitch (1995) partem da teoria da democracia, pensada aos moldes da democracia representativa, para descrever as funções e serviços que os media cumpririam no sistema político. Para esses autores, os media teriam por função: a vigilância sobre o sistema social e político; o estabelecimento de uma agenda pública; a disponibilização de uma plataforma para a defesa esclarecida de causas e interesses de grupos; o diálogo entre diferentes pontos de vista e entre esses pontos de vista e o público massivo; mecanismos de prestação de contas para quem exerce o poder público; incentivos para que os cidadãos aprendam, escolham e se envolvam com o processo político; resistência aos efeitos das forças externas aos media, para subverter sua independência, integridade e capacidade de servir ao interesse público; e respeito pelos membros da audiência como preocupados e capazes de compreender seu ambiente político. (apud GOMES, 2011, p. 285).

A partir deste conceito, com o avanço da tecnologia, a TV brasileira precisou acompanhar as mudanças, incluindo o telejornalismo que passou por transformações ao longo dos séculos e para isso foram necessários diversos investimentos para se adequar ao que era proposto à sociedade. E de acordo com Mello, “para estar sempre na frente e acompanhar de perto os acontecimentos de impacto nas sociedades, os telejornais mudaram e exigiram das emissoras o investimento em equipamentos de última geração e a contratação de profissionais qualificados. ([2008?], p. 1).

Aos poucos os telejornais foram se formando e ocupando espaço nas telas das TVs. As mudanças tecnológicas fizeram com que fosse possível abranger os noticiários e formar telejornais mais estruturados.

[...] o telejornalismo foi conquistando o público brasileiro e se adequando às novas tecnologias e às necessidades do público-alvo. Em tempos de globalização, como destaca Ramonet (1999, p. 26) a televisão assume o poder, não apenas como a primeira mídia de lazer e de diversão, mas também, agora, a primeira mídia da informação. Considerando que a televisão é que dita a norma e obriga os outros meios, em particular a imprensa escrita, a segui-la[...]. (apud MELLO, [2008?], p. 1).

Este crescimento fez com que os telejornais se tornassem mais regionalizados e buscassem apresentar notícias com relevância de acordo com cada região. E como disse Pereira e Coutinho “o telejornalismo, ocupa um papel central na vida dos brasileiros, já que “os telejornais são hoje a principal fonte de informação da sociedade brasileira: mais barata, mais cômoda e de fácil acesso” (PORCELLO, 2011, p. 43 apud PEREIRA; COUTINHO, 2019, p. 2).

Para os mineiros, o telejornalismo tem sua importância partindo do entendimento da relevância que apresenta ao estado. Um jornal regional faz com que o telespectador se sinta representado e pertencente a algum lugar, como afirmam COUTINHO E MARTINS (2008) “[...], o que é produzido em âmbito local cria laços sociais entre a comunidade e quem faz os telejornais, e por isso, o cidadão acaba criando esse sentimento de pertencimento e de identificação”. (PEREIRA; COUTINHO, 2008 apud TEIXEIRA; MARINO; COUTINHO, 2018, p. 7).

Desta forma, entende-se que as emissoras permanecem estereotipadas em padrões que desenham as apresentadoras como mulheres brancas e magras.

E, deste modo, é apresentado no segundo capítulo dados que confirmam essa pesquisa sendo notório o poder do racismo estrutural, visto que se elas estão na redação, essas mulheres não ocupam este lugar exatamente por serem mulheres e negras. E neste caso, se forem competir em um grupo a ordem é: primeiro os homens brancos, depois as mulheres brancas, os homens negros em seguida, por último as mulheres negras ficando com o nada ou com o que lhe resta, o que pode ser visto na citação abaixo, onde foi feito um levantamento sobre jornalistas negros e brancos, do estado de São Paulo, que exerciam as mesmas funções mas com salários diferentes.

A citação abaixo está em diversos sites, escolhi um deles para fundamentar.

De acordo com levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), no estado de São Paulo, em 2018, eram pretos e pardos apenas 13,5% dos jornalistas com carteira assinada, que recebiam rendimentos, em média, 30,4% menores que os salários pagos aos brancos. A informação consta de artigo publicado na revista *Piauí*, edição de julho deste ano ([É SÓ O COMEÇO: O racismo e a imprensa brasileira](#)), pela jornalista negra e ombudsman da Folha de São Paulo, Flavia Lima, que informa também sobre um levantamento feito em 2019 pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse estudo levantou a composição racial dos colunistas dos três jornais de maior

circulação no Brasil – *Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo* e revelou que os homens brancos eram 68% e as mulheres brancas chegavam a 28%. Os homens negros não passavam de 2%. As mulheres negras também ficavam em 2%.(CARRANÇA,2020).

Questões estruturais não têm mudança a curto prazo, mas é preciso trabalhar essas questões referentes ao racismo e desigualdade de gênero individualmente para depois ser instituído na sociedade. Mudar a história da escravidão não é possível, mas se faz necessário falar sobre o assunto e fazer com que seja possível a mudança do estereótipo do negro aos olhos de um grupo privilegiado: os brancos.

[...] o racismo é um fenômeno muito complexo. Existem elementos estruturais bastante importantes do racismo e, em geral, esses elementos não são levados em consideração quando se discute seu fim ou sua contestação. Há também o impacto na psique, e é aí que entra a persistência dos estereótipos. Os modos como, ao longo de um período de décadas e séculos, as pessoas negras vêm sendo desumanizadas, ou seja, representadas como menos do que humanas e, portanto, o caráter político da maneira como a população negra é retratada por meio da mídia, por meio de outras formas de comunicação, que entra em jogo nas interações sociais, tem igualado pessoas negras a pessoas criminosas. Então, não é difícil entender como esses estereótipos persistem por tanto tempo. (DAIVES, 1944, p. 45-150)[TZ1]

Essa ideia de identificação pode ser abrangida pela representatividade dos apresentadores do telejornal local. O que vamos observar no próximo tópico é a abordagem da mulher negra representada no telejornalismo varginhense. Além disso falaremos sobre o racismo estrutural imposto pela sociedade fazendo com que a (não) visibilidade da mulher seja notada nas emissoras da cidade.

## **2.1 A mulher negra no telejornalismo de Varginha**

O racismo estrutural se tornou um tema importante e hoje se ouve falar mais sobre o assunto. O nível de agressividade alcançou um patamar onde é necessário que toda a sociedade entenda a história do negro e compreenda o motivo de se levantar essa bandeira e lutar pelos seus direitos.

Após 133 anos da abolição, o negro continua na luta contra o racismo estrutural imposto pela sociedade, onde um grupo, para se privilegiar, precisou oprimir o outro. E essa concepção considera que o racismo não é uma ação individual ou de algum grupo específico, mas é parte da ordem social, já que ele faz parte da estrutura da sociedade e está enraizado nela. Nessa concepção, entendemos que o racismo é reproduzido por toda a

sociedade porque ela foi estruturada a partir da dinâmica racial causada pela escravidão, ou seja, os pretos como seres inferiores.

Entretanto, algumas questões ainda persistem. Vimos que as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Desse modo, se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. (ALMEIDA, 2019, p. 31)

Essa desigualdade se deu a partir do momento em que o negro foi liberto da escravidão porém, ficando para trás do branco, visto que o homem branco já pertencia a uma terra que era dele, já possuía educação e tantos outros benefícios que para o negro chegaria bem mais tarde ou talvez, nunca. Sem ter como se defender ou se manter, o negro se tornou escravo dele próprio, tendo que se submeter a escolha de trabalhar para o branco. Desta forma, percebe-se que o homem branco já estava percorrendo um caminho e conquistando o que achava ser dele por direito impedindo o negro de lutar com igualdade.

Houve assim um repensar analítico da elite intelectual a respeito do tema, abrangido um conteúdo histórico do negro, não como trabalhador alforriado, e sim um escravo de si mesmo. Um homem livre que ao mesmo tempo seria escravo de si mesmo, alforriado da senzala, porém sem liberdade de expressão de qualquer forma, liberto das correntes, mas sem ter para onde ir. Isso são as raízes do preconceito. (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 8)

No mercado de trabalho ainda é muito presente a diferença de brancos e negros, e seguindo o raciocínio de Santos e Oliveira (2019, p. 9) “ao longo da história sempre houve esse questionamento, sobre a inserção do negro no mercado de trabalho.” Quando se trata de mulheres, as negras são as últimas a serem aceitas para qualquer cargo.

Geralmente os empregos designados a essas mulheres, de primeiro instante são sempre os que vão colocá-las em cargos inferiores. E isso reforça a fala de NASCIMENTO (2010), quando diz que as sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assume emprego doméstico, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nos espaços rurais.

Levando-se em consideração o número de mulheres existentes no mercado de trabalho divulgado em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, os dados apontam que 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho no país em 2019. E essa necessidade das mulheres em ocupar este espaço no mercado de trabalho se deu após a constituição de 1934, quando as mesmas adquiriram seus primeiros direitos trabalhistas e passaram a exercer atividades não apenas domésticas (RODRIGUES, 2021). Desta forma, as mulheres passaram a disputar cargos antes ocupados

apenas por homens e principalmente para cargos que se destacam como no jornalismo.

Nos veículos de comunicação os dados mostram que atualmente os jornalistas empregados no Brasil somam um total de 42,332 profissionais da área. Deste total 15,654 são do sexo feminino e 26,678 são do sexo masculino, ou seja, os homens representam 63,02 %, em contra partida as mulheres apresentam um percentual de 36,98 %. Isso mostra que o número de mulheres jornalistas empregadas em veículos de comunicação, que ocupam espaço na imprensa do país, comparado com o percentual dos homens atuando no jornalismo, ainda é inferior. Estes dados foram tirados da Works, plataforma de comunicação corporativa desenvolvida pela Comunique-se em 2019. (SCARDOELLI, 2019, p. 1)

O telejornalismo é um exemplo desta diferença de igualdade de gênero. A entrada da mulher na imprensa foi bastante questionada, já que a redação era conduzida por homens e não permitia que mulheres pudessem exercer a profissão. Ocupar um cargo que pudesse gerar uma disputa de gênero estava totalmente fora de questão como explica (RIBEIRO, 2017, p.2)

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO 1998: 31apud CASADEI, 2011, p. 2).

Feito o levantamento dessas mulheres sendo negras, o número é ainda menor. Visto que o preto representa a maior parte da população brasileira segundo dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que mostram que 54% da população brasileira é negra. O jornalismo é o lugar que menos tem a representatividade de mulheres negras em cargos de visibilidade. O que condiz com a pesquisa divulgada pelo site Notícia preta, realizada por Jornalistas & Cia, em parceria com a Universidade Zumbi dos Palmares, onde mostra que

[...] apenas 20,1% dos jornalistas brasileiros se autodeclararam negros (pretos ou pardos). Já os que se autodeclararam brancos são impressionantes 77,60%, com 2,10% de amarelos e 0,20% de indígenas. Além disso, o estudo revelou também que as mulheres, mesmo sendo maioria no país, 51,8% da população brasileira, segundo projeções da PNAD/IBGE 2019, ainda ocupam menos espaços nas redações. São 36,6% no jornalismo, bem abaixo dos 63% de homens e 0,40% não se reconhecem em nenhum dos dois gêneros. “A imprensa brasileira está longe de manter equidade com o perfil racial e de gênero da população do Brasil”, afirma o documento publicado.(PRETA, 2021)

Nos telejornais de Varginha, após uma pesquisa quantitativa e exploratória, realizada nas quatro emissoras da cidade, sendo elas a Alterosa, (afiliada do SBT) , Rede



Mais (afiliada da Record TV), TV Princesa (emissora local) e a EPTV (afiliada da Rede Globo), foi possível perceber a ausência de mulheres negras apresentando telejornais ou atuando como repórter. Sendo assim o cerne da pesquisa foi analisar e refletir o porquê desta ausência. E no decorrer deste trabalho, percebe-se que nas instituições varginhenses o racismo estrutural é o princípio de uma análise.

Para provar essa informação, foi feito um levantamento em campo e uma observação entre os jornais Eptv 1º e 2º edição, Bom dia Cidade, Balanço Geral, Ataque, Cidade Alerta, Balanço no Campo e RMais. Os resultados mostraram que entre 53 jornalistas sendo homens, mulheres, negros e brancos na cidade que trabalham nessas emissoras, 30 são mulheres e apenas 2 são negras. Dentre elas 1 ocupa o cargo de repórter e outra como apresentadora de um quadro que passa 1 vez por semana, dentro do jornal diário da cidade.

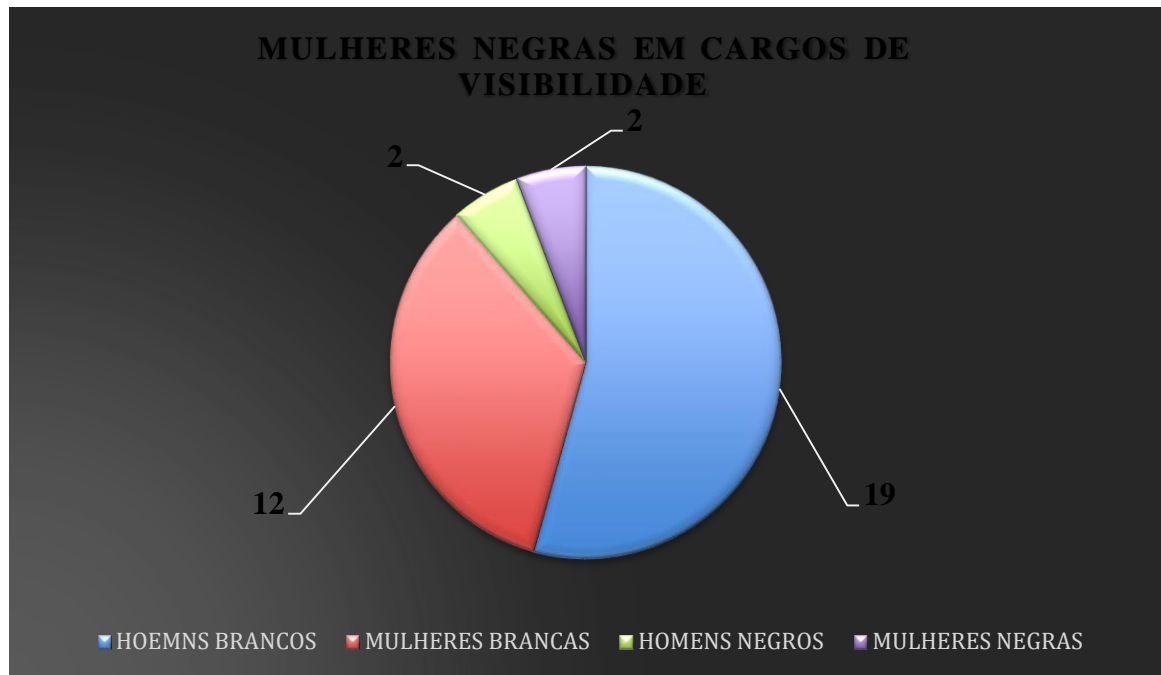
E para apresentar em números foi construído um gráfico que mostra a desigualdade de raça e gênero dentro das emissoras.

Figura 1 – Número de Jornalistas definido por raça e gênero nas emissoras de televisão em Varginha/MG.



Fonte: Tv Alterosa, EPTV, Rede Mais, tv Princesa

Figura 2 – Mulheres negras em cargos de visibilidade



Fonte: Tv Alterosa, EPTV, Rede Mais, TV Princesa

Através de uma evidência empírica foi observado que nas quatro emissoras o número de negros em cargos de apresentador e repórter em telejornais são mínimos frente aos profissionais da área.

Acredita-se que talvez ninguém tenha se atentado ao fato de que entre os jornalistas a maioria são brancos e não negros. E principalmente sendo estes profissionais mulheres, entende-se que as mulheres negras podem exercer qualquer função, sabendo que a excelência da execução de um trabalho tem a ver com competência e não com raças. Neste sentido, Pérez-Nebra e Jesus (2011) dirá que “o estereótipo é uma crença que faz com que os indivíduos destinem atributos aos participantes de um grupo. Estes são formados através do meio social e das relações entre os indivíduos que compõem uma sociedade.” (apud SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 19).

Entende-se que o avanço da quebra de um sistema ainda é lento. Aos poucos é possível observar que as instituições têm caminhado rumo ao que se diz representatividade, mas é um caminho longo. Percebe-se uma mudança no cenário jornalístico e ao falar em representatividade, temos exemplos de mulheres como a Maria Júlia Coutinho que hoje é apresentadora do Fantástico, mas iniciou sua trajetória na Rede Globo como a garota do tempo do Jornal Nacional. Logo após assumiu a

bancada do Jornal Hoje e no atual momento se junta ao time do Fantástico. Como mulher negra, Maju Coutinho é uma das poucas mulheres que andam na contramão das estatísticas. Segundo a reportagem do site da Uol, que cita a trajetória da jornalista “Maju Coutinho viveu seu auge na Globo ao ser definida como a nova apresentadora do Fantástico. A partir de novembro, ela passa a ocupar a vaga deixada por Tadeu Schmidt no jornalístico dominical. Podemos citar também a Glória Maria, uma jornalista que por anos apresentou o Globo Repórter nas sextas-feiras. Sendo a primeira repórter brasileira a entrar ao vivo em um telejornal, a assumir um jornal estreando sua carreira em 1971.

Em Varginha/MG houve um tempo em que os telespectadores assistiam Aline Aguiar como âncora e Andréia Marques como repórter, ambas pela EPTV, afiliada da Rede Globo. Hoje, são duas mulheres negras que fazem parte do quadro de profissionais entre as quatro emissoras citadas.

Na década de 1930 as mulheres começam surgir timidamente nas redações, porém majoritariamente em setores femininos como: beleza, moda, culinária, questões domésticas e fofocas. O número de mulheres foi crescendo lentamente nesse meio, em 1939, apenas 2,8% dos profissionais de jornalismo no estado de São Paulo eram mulheres; em 1950, 7% e, em 1970, 10%. Em 2004, elas se tornaram maioria: 52,4% em todo o país. Atualmente elas representam 64% dos jornalistas, elas são mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos de idade, sendo assim, essa representação não serve para falarmos da mulher negra. (ROCHA, 2006, SANT’ANNA, 2013; FENAJ, 2013 apud ANTONIO; PAIERO, 2019, p. 5)

Assim, Albuquerque (2016) dirá que “a falta de diversidade étnica no telejornalismo brasileiro torna-se um impasse na construção de uma sociedade mais igualitária, já que os afrodescendentes não se veem nesse espaço, portanto não se sentem devidamente representados” (apud SANTOS, 2020, p. 19-45).

A visão da mulher negra geralmente é representada pelas mídias como empregada doméstica, como faxineira e pessoas que não almejam conquistas melhores como os estudos, o que reforça o estereótipo de ser assaltantes e suburbanos. Essa deficiência da mídia pode explorar a imagem de mulheres brancas e esconder as negras.

A falta de representatividade, espaço de fala e oportunidades, agrava os problemas das minorias. A comunicação, ao lidar com os assuntos sem um recorte de cor e sexo, silencia esse grupo que já não tem espaço e é estereotipado. É essencial que se tenha uma equidade, seja na produção do jornalismo, na publicidade e até mesmo ao dar voz durante as matérias.(ANTONIO, PAIERO, 2019, p.6)

A luta da mulher por igualdade é constante e sendo negra a batalha é contra dois aspectos: a etnia e o gênero. Esta pesquisa reforça que as mulheres negras são as minorias nos telejornais de Varginha e discutir sobre o tema dentro das instituições se torna necessário. Procurar estratégias para mudar o sistema começando em um veículo de comunicação é um grande passo para que a questão racial seja expandida. É necessário que algo seja feito e deve começar partindo de algum lugar.

Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. É dever de uma instituição que realmente se preocupe com a questão racial investir na adoção de políticas internas que visem: a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero. (ALMEIDA, 2019, p. 162)

É necessário romper com o silêncio. A sociedade se incomoda no quanto tem se falado sobre o racismo e desta forma tenta calar quem grita. Mas se não percebem o que se é falado é porque ainda não existe resultado considerável na diminuição dos fatos, já que acompanhamos notícias sobre discriminação com tanta frequência. Calar a voz do negro é o mesmo que contribuir com o avanço das estatísticas. E o intuito de tanto se falar é que se chegue em um tempo em que a sociedade se torne menos racista e seja encontrado mais anti racista. E para isso é preciso que se fale cada vez mais no assunto.

Historicamente, a mídia recusa a adoção de uma perspectiva de gênero em seus conteúdos e reforça os estereótipos de gênero, raça e etnia, limitando a veiculação da opinião das mulheres em geral e invisibilizando a participação das mulheres negras e indígenas em todas as esferas da sociedade. Estas últimas, em razão da combinação do sexismo, do racismo e do etnocentrismo, estão na base da sub-representação, não têm suas demandas específicas contempladas na agenda midiática e ainda enfrentam o estereótipo de inferioridade intelectual, estética e moral. (BASTHI, 2011 apud ANTONIO; PAIERO, 2019, p.6).

Por isso se faz tão importante que todas as pessoas saibam falar sobre o racismo entendendo qual é o seu lugar. E quando se fala do lugar, não está se referindo ao espaço físico, falamos sobre o posicionamento que se deve ter em relação ao assunto. Até porque, todos estão incluídos em uma sociedade e tem um lugar de fala nela. Assim como no Canal Curta DJAMILA RIBEIRO afirma essa colocação dizendo que “[...] todo mundo tem um lugar de fala. Acho que é isso que as pessoas não entendem. Ah, esse não é o meu lugar de fala, ou eu não tenho um lugar de fala. Todo mundo tem porque está localizado socialmente. Mas é como que fala a partir do seu lugar sobre outras questões.” RIBEIRO, 2017 (2 min58s)[1].

E nesta concepção, o próximo passará por uma breve análise deste novo conceito de consumir informação que é o *Podcast*. Uma convergência midiática do rádio que vem ganhando força e dando voz para determinados grupos se posicionarem e se fazerem entender sobre questões que outras mídias delimitam

## 2.2 O Podcast: um novo formato de comunicação

Criado em 2004 pelo Adam Curry, o *podcast* é um formato de transmissão de áudio e vídeo pela internet e desde então este meio de comunicação vem sendo aprimorado. De acordo com PAZ(2007) “o conceito de Podcast pode ser compreendido como todo o processo de produção de material digital (áudio, vídeo, texto ou imagem), com publicação e distribuição na Internet, e possibilidade de download para os subscritos.” PAZ,2007 apud RODRIGUÊS (2019).

O *Podcast* é um conceito da convergência midiática que apresenta dinamismo através da informação além de ser a junção de sistemas como o ipod que é um equipamento desenvolvido pela empresa Apple e que reproduz MP3), e o Broadcast (emissão radiofônica).

Podemos definir podcast como uma produção de áudio que difere da rádio tradicional pela maior maleabilidade de acesso e produção de conteúdo. É uma forma de publicação de programas de áudio na Internet utilizando, na maioria dos casos, o formato de arquivos MP3<sup>7</sup>, que podem ser ouvidos on-line via streaming<sup>8</sup> ou baixados para o computador ou tocador de áudio digital do usuário. (FREIRE, 2011, p. 196).

Uma mídia em crescimento e que cada vez mais vem sendo adquirida como uma nova forma de consumir informação. De acordo com o levantamento feito pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) em janeiro de 2021, no Brasil 34,6 milhões de pessoas são ouvintes de *podcast*, praticamente 8% da população.

Diferente de séculos passados que para fazer lançamentos de músicas nas mídias, grandes artistas utilizavam do único meio que era por gravadoras com um alto custo no investimento. Mas hoje o *Podcast* ou *Podcasting*, dá ao usuário os recursos para lançar o conteúdo de uma maneira rápida e sem muitos investimentos financeiros.

Os Podcasts reforçam o fenômeno da produção individual de conteúdo presente na cibercultura, o que se vê são pessoas comuns, artistas ou pessoas da mídia como autônomas na produção de seus próprios programas. A acessibilidade dos recursos tecnológicos e a facilidade de distribuição possibilitou a apropriação dos meios de produção pelos produtores[...] (LIMA, 2018, p. 3)

Para dar início ao conceito de podcast, é preciso voltar na era do rádio e entender a nova performance de consumir informação de áudio. Criado em 1831 por Michael Faraday que nesta época descobriu a indução magnética, o rádio foi propagado em 1887 por Henrich Rudolph Hertz. Foi juntando dois fios de cobre que ele conseguiu criar faíscas e dar vida ao novo conceito de comunicação da época.

O rádio foi instaurado nos meios de comunicação logo após o jornal impresso e apresentou grande relevância ao enviar informações seguras e precisas. E de acordo com Barbosa e Moreira (2015, p. 1), “foi um meio de comunicação determinante em todo o mundo, por sua importância enquanto propagador de informação e de entretenimento.” Já que esse meio trouxe proximidade do ouvinte e a mídia em questão.

No Brasil, o rádio foi utilizado para radionovelas e entretenimento antes da entrada da tv. E por muito tempo foi também um meio de divulgar grandes marcas. Mas com o avanço da tecnologia o rádio precisou passar por adaptações acompanhando este crescimento. Após a tv, a entrada da internet como veículo de comunicação disseminou o formato de receber a informação.

Vivemos em um mundo onde a informação e o entretenimento acabaram se tornando instantâneos. Tudo o que se cria é possível acompanhar de onde quer que

esteja. Isso mostra que “[...] a evolução da tecnologia centrada na rapidez da informação, transforma pensamentos e ambientes.” ( BARBOSA; MOREIRA, 2015, p. 1).

Desta forma, seguindo as mudanças digitais e com a entrada da nova teoria da cibercultura criada com a entrada nas novas tecnologias como os computadores, os tablets e smartphones, foi criada uma nova plataforma para comunicar e falar sobre assuntos diversos. Além disso ( BARBOSA; MOREIRA, 2015, p. 4) vai dizer que “Esse modelo de produção permite ao produtor liberdade para explorar os sentidos humanos através de efeitos sonoros, elementos que foram abandonados pelo rádio.”

Ao mesmo tempo em que a convergência tecnológica implica uma reorganização do processo de produção jornalística, com consequências sobre o que costumamos chamar de cultura jornalística, as tecnologias digitais têm favorecido, senão o surgimento, a consolidação do jornalismo de tipo cidadão, com a proliferação dos recursos de interatividade, dos blogs, chats, do jornalismo open source e de sites de disponibilização de vídeos que tendem a reconfigurar os valores jornalísticos e a relação entre jornalismo e público. (GOMES, 2011, s. p.)

O podcast aborda temas livres e dá abertura para um público inserido neste espaço para falar sobre assuntos como racismo estruturado em uma sociedade banalizada. E essa é uma mídia que faz-se necessária nos tempos das novas convergências midiáticas. Entendendo que no *Podcast* não é necessário que se tenha um estereótipo constituído socialmente para debater temas relevantes para sociedade. Este espaço se fez necessário exatamente pela liberdade que se dá ao ouvinte, principalmente para as mulheres negras.

### **3 CONSTRUÇÃO DO PODCAST “*BLAK NEWS*”**

Os próximos capítulos apresentam a construção do produto final foi dividido em 3 etapas, como: a pré produção, produção e pós produção. E cada um deles relatam todos os percursos assim como os desafios para a construção do *Black News* até chegar a postagem do material.



### **3.1 PRÉ PRODUÇÃO**

A elaboração da pré produção foi após a definição do tema. O *Black News* faz associação com o negro e a informação. Assim, após muito se pensar, foi definido o roteiro e também as personagens que participam da entrevista. Entendendo que seria necessário discorrer sobre a história da escravidão de uma forma bem sucinta, além de abordar sobre a mulher no mercado de trabalho no telejornalismo. A partir disso, a autora deu início a construção do roteiro como será visto a seguir.

### **3.2 Roteiro**

A ideia de construir um podcast se deu a partir da elaboração do tema da pesquisa e entendendo a importância de discutir o racismo a partir da história da escravidão em um veículo de comunicação. Percebendo a ausência de mulheres negras no telejornalismo, notou-se também que este é um problema social partindo do princípio de que o racismo estrutural é evidente nas emissoras televisivas da cidade de Varginha. E foi observando os telejornais da cidade que se deu o questionamento; porque não existem mulheres negras em cargos de visibilidade nos telejornais?

Inicialmente, foi construído um roteiro para que o apresentador do podcast pudesse desenvolver a roda de conversa. Como existem tipos diferentes de pautas para podcast, este tem um formato voltado para um debate informativo, com opiniões dos convidados e histórias pessoais, onde o tema é levantado através de pautas e os convidados têm a liberdade de expor sua forma de pensar e seu posicionamento em relação ao assunto. E para que o podcast fosse conduzido com mais confiança sem correr o risco de nos perdermos durante a conversa, foi criado um pequeno roteiro. Nele foi colocado tópicos referente ao assunto proposto e perguntas para que pudessem ser feitas durante a gravação. Um ponto importante a se destacar, é que cada convidado se descreveu dando ao ouvinte a ideia de realidade através da sonora.

### **3.3 A roda de conversa com elas**

Para debater este tema em uma roda de conversa, foi feito o convite para duas mulheres negras que aceitaram prontamente. A intenção foi convidar mulheres que estivessem aptas a debater sobre o assunto, iniciando por uma breve passagem pela história da escravidão e finalizando com o racismo estrutural no telejornalismo. Neste caso, uma das convidadas foi a professora de geografia da rede pública, Luíze Campos. Além de professora é também militante e mulher negra e foi quem explicou de uma forma sucinta a história da escravidão no Brasil. O que para a conclusão do debate foi de grande importância. É preciso que tenhamos espaço para debater sobre o tema e levar, através do debate no podcast, o conhecimento às pessoas que ainda não entenderam o surgimento dessa desigualdade racial. A segunda convidada foi a jornalista Eliane Moreira, mulher negra e que atua como repórter em uma emissora afiliada da rede Globo na cidade de Juiz de Fora/MG.

Com ela foi abordado a importância de mulheres negras no telejornalismo e o quanto ainda é pequena essa representatividade. Além da mesma expor experiências pessoais dentro da redação de um jornal por onde já passou e mostrar como o racismo é predominante. E reforça dizendo em um dos trechos que; “enquanto se pode contar nos dedos a quantidade de jornalistas negras que ocupam espaço de visibilidade nos telejornais, vamos ter o racismo estrutural na tv,” comenta.

## 4 PRODUÇÃO

No processo da produção foi colocado em prática a construção do podcast. Foi separado um dia da semana para a gravação, já que conseguimos reunir as convidadas no mesmo horário. Como cada uma delas, inclusive a autora deste trabalho que também conduziu a roda de conversa, mora em localidades distintas, o bate papo aconteceu através do meet, uma plataforma digital disponibilizada gratuitamente pelo *google* e que se tornou um novo modelo de convergência midiática muito utilizada pelos jornalistas para fazer entrevista a longa distância. A nova maneira de trabalhar com a comunicação tem feito com que as pessoas possam exercer a função em um formato menos conservador, promovendo a transformação do jornalismo. Neste processo foi colocado em prática as técnicas de rádio que foram aprendidas durante o curso de jornalismo. Como por exemplo, a apresentação e descrição das entrevistadas.

## 5 PÓS PRODUÇÃO

Após a gravação do podcast partimos para a parte de edição do produto, ou seja, os cortes necessários para eliminar sonoras. O programa utilizado para a edição foi o Adobe Audition 2022, usado para fazer captação de áudios. E para isso, foi preciso ouvir toda a entrevista com muito cuidado e atenção para selecionar as partes mais relevantes. Após esses cortes, foi feita busca de trilhas sonoras que pudessem colaborar com a construção do podcaast deixando ele mais parecido com um programa de rádio no intuito de despertar o interesse do ouvinte. As trilhas são pagas e fazem parte da licença do Adobe. Sendo escolhidas pelo humor que elas apresentam onde o profissional da edição usou por perceber que combina com a identidade do programa. A produção do podcast foi feita pelo profissional e amigo da autora do trabalho, Renan Freitas, que colaborou com suas técnicas na montagem do produto e com a locução na apresentação do programa.

Existe ainda a intenção de colocar o material finalizado na plataforma *soundcloud*, para divulgação e levar ao conhecimento das pessoas que o racismo ainda existe e que o racismo estrutural é recorrente nas diversas profissões, principalmente no telejornalismo quando as mulheres negras fazem parte da menor parcela dos grupos de profissionais que atuam na profissão.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do produto *Podcast Black News* para falar sobre a (não) representatividade da mulher negra no telejornal é, em primeiro caso, um produto da experiência da autora do trabalho que por um tempo passou a questionar sobre o racismo tanto de etnia quanto de gênero. Durante todo o percurso da graduação foram feitas observações que a mesma não tinha antes do início do curso. Como por exemplo, observar a quantidade de alunos negros dentro da sala de aula em que esteve inserida. Além disso, a análise foi feita através dos telejornais e principalmente durante o período de estágio. Esse foi o ponto de partida para construir a ideia do tema do trabalho e a necessidade de uma pesquisa questionando o porquê desta ausência, pois percebeu que de todos os telejornais da cidade de Varginha, somente a autora se apresentava sendo uma mulher negra em cargo de visibilidade como repórter estagiária e logo depois, um telejornal de outra emissora passou a exibir a imagem de de outra mulher negras.

É contraditório observar que um veículo de comunicação de massa como a televisão, sendo um dos mais acessíveis, levante um debate sobre o racismo mas não coloque em prática uma relevante mudança. É claro que o racismo é um problema social como apresentado durante o trabalho, mas é preciso dar um ponto de partida. E porque não começar dentro das instituições formadoras de opiniões?

Produzir este TCC permitiu um amadurecimento profissional, pessoal e principalmente, um crescimento acadêmico de sua autora. Apesar do tema fazer parte de sua ideia durante o curso da graduação, foi desafiador levantar essa questão. A mesma pensou em uma segunda opção mas a autora por ser mulher negra, entendeu a necessidade de continuar levantando essa bandeira contra o racismo estrutural e se posicionar. E neste caso, é preciso que o negro e principalmente as mulheres, aproveite as oportunidades para dar voz mesmo que exista um grupo que se levante contra para dizer que seja um *mimimi*. E foi na roda de conversa entre a autora do trabalho, a jornalista Eliane Moreira e a professora de geografia e também militante, Luize Campos que trouxe à tona um problema social onde o racismo é lembrado todos os dias.

Acredito que este seja um assunto amplo que demanda um estudo mais aprofundado. No entanto, espero ter contribuído de alguma maneira com essas

mulheres que buscam uma posição social digna de sua capacidade intelectual e que não seja visada pela sua etnia.

O objetivo desse trabalho é que mudem a forma de contratação das editoras locais e que mulheres negras possam ocupar espaços de visibilidade fazendo com que a desigualdade seja transformada inicialmente pelas mídias a quem nos atribui as maiores informações.

Após o levantamento de bibliografias e pesquisas em campo foi comprovado a ausência de mulheres negras atuantes em cargos de visibilidade nos telejornais de Varginha. Os números apresentaram que menos de 10% dos profissionais que atuam na profissão são mulheres negras.

Assim como a Eliane Moreira cita em um dos trechos na roda de conversa que “enquanto se pode contar nos dedos a quantidade de mulheres negras nos telejornais, ainda as emissoras ainda estarão pautados em estereótipos europeus. Entendendo que a mudança não será imediata mas é preciso ser dado o primeiro passo para transformação dos conceitos que são estipulados pelo senso comum. Que não exista diferença entre os povos mas visando que a sociedade como um todo está pautada em um estereótipo predominante.

A ideia final é mostrar que a comunicação social tem muito a contribuir com a sociedade, uma vez que a informação não se limita apenas às pessoas que estão na frente das bancadas. Toda uma equipe trabalha em prol da notícia sejam eles, homens, mulheres, brancos ou pretos. Afinal a capacidade não está na cor da pele e sim na dedicação e todo conhecimento adquirido ao longo de uma trajetória para (sim) conseguir um espaço de representatividade.

## REFERÊNCIAS

ABPOD divulga pesquisa sobre o perfil do público de podcasts e os bastidores da produção. 2021. <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2021/01/associacao-brasileira-de-podcasters-divulga-pesquisa-sobre-o-perfil-do>. Acesso em: 28 nov.. 2021

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural: feminismo plurais**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.p. 31-264 (Feminismos Plurais).

ANTÔNIO, Ana Carolina Huertas; PAIERO, Denise. **A mulher negra como apresentadora de televisão 2019**. 2019.Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvjornada/paper/view/1485/924>> acesso em: 21 jun. 2021

ARAÚJO, Valmir Teixeira de. **Imprensa negra na internet: enquadramentos dos conteúdos produzidos pelos sites Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z**. [2020?].

BARBOSA, B. J; MOREIRA, D. B. O Podcast na Sociedade e Juventude. **VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Campo Grande – MS, 4 a 6 jun. 2015**. Disponível em:<<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0335-1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2021.

CARRANÇA, Flávio. **Quantas (os) somos e onde estamos?** 2020. Disponível em: <<https://www.sjisp.org.br/noticias/quantas-os-somos-e-onde-estamos-9409>> Acesso em: 19 nov. 2021.

CASADEI, Eliza Bachega. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX**. São Paulo – SP. v. 01, n. 3, jan./jun. 2011,

CHAGAS, Dominique Lemes. **Livro galáxias e a interatividade: a relação entre a narrativa do livro e a interatividade nos suportes midiático das teorias de comunicação da Cibercultura**. Varginha, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/Clemilson/Downloads/TCC%20completo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Clemilson/Downloads/TCC%20completo%20(1).pdf)>. Acesso em 26 ago. 2021

COSTA, Maria Ivanúcia Lopes da; MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. **Meios de comunicação e sociedade: considerações sobre o paradigma funcionalista-pragmático**. [2021?]. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/costamendes-meios-de-comunicacao-e-sociedade.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2021.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 150.

FREIRE, P. E. O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos. **Revista Educação Especial I**, Santa Maria, v. 24, n. 40,p. 196-

206, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3131/313127402004.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2021.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Metodologia de Análise de Telejornalismo, 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998.pdf#page=18>>. Acesso em: 24 out. 2021.

LIMA, Rosemary Ap. Odorizi, Podcast - CPTCCast. **XVIII Simposio Internacional de La Sociedad Latinoamericana de Percepción Remota Y Sistemas de Información Espacial, La Habana, cuba**, 2018, p.3. Disponível em: <[http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2019/01.08.13.27/doc/SELPERCuba\\_PodCast2018Completo.pdf](http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2019/01.08.13.27/doc/SELPERCuba_PodCast2018Completo.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2021.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL. Faculdade Santa Amélia SECAL [2008?]. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>> Acesso em: 20 out. 2021.

MORGADO, Fernando. **Brasil: 70 anos de TV, 70 anos de telejornalismo**. 2020. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/brasil-70-anos-de-tv-e-telejornalismo/>> Acesso em: 20 out. 2021.

MORAES, Edson. **Pesquisa aponta os meios de comunicação mais confiáveis no Brasil**. 2021. Disponível em: <Pesquisa aponta os meios de comunicação mais confiáveis no Brasil>. Acesso em: 20 out. 2021.

NACIONAL, Tarde. **Abpod divulga pesquisa sobre perfil do público da podcast e os bastidores da produção**. Por conta da pandemia, muitas pessoas estão em casa consumindo áudio. 2021. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2021/01/associacao-brasileira-de-podcasters-divulga-pesquisa-sobre-o-perfil-do>> Acesso em: 26 nov. 2021

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho. Portal Geledés, 2021**. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6579443/mod\\_resource/content/1/11.%20A%20mulher%20negra%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6579443/mod_resource/content/1/11.%20A%20mulher%20negra%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf)> Acesso em: 20 out. 2021.

PECCOLI, Vitor. **Maju Coutinho vive auge na Globo e salário dispara; saiba quanto**. 2021. Disponível em: <<https://spinoff.com.br/entrete/maju-coutinho-vive-auge-na-globo-e-salario-dispara-saiba-quanto/>> Acesso em: 20 out. 2021.

PEREIRA, COUTINHO. Gustavo Teixeira de Faria, Iluska Maria da Silva. **Por que uma emissora pública regional precisa de um telejornal nacional? O caso do “Brasil em Rede” (Rede Minas-MG) 2019**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cp/5096?lang=es>>. Acesso em: 20 out. 2021.



PESQUISA revela que apenas 20% dos jornalistas brasileiros são negros. **Notícia Preta**, 18 nov. 2021. Disponível em: <<https://noticiapreta.com.br/pesquisa-revela-que-apenas-20-dos-jornalistas-brasileiros-sao-negros/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

PORTAL, Sara Raquel Pinheiro. **O Papel do jornalista afrodescendente na televisão brasileira: a (in) visibilidade da jornalista negra na televisão paraense**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém, PA, 2016.

PRETA, Notícia. **Pesquisa revela que apenas 20% dos jornalistas brasileiros são negros**. 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/pesquisa-revela-que-apenas-20-dos-jornalistas-brasileiros-sao-negros/> Acesso em: 06 dez. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: [s. n.], 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Clemilsom/Downloads/ribeiro-o-que-ecc81-lugar-de-fala%20(1).pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw>> Acesso . Acesso em: 20 out. 2021.

RODRIGUES, Tayane. **O conto da fala**. 2019. Salvador: Ufba: 2019. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29983/1/MEMORIAL%20O%20CANTO%20DA%20FALA%20-%20TAYANE%20RODRIGUES.pdf>> Acesso: 26 nov. 2021.

RODRIGUES, Léo. **Estudo revela tamanho da desigualdade de gênero no mercado de trabalho: fatores como afazeres domésticos trazem limitações**, 2021. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em: 20 out. 2021.

RENAUT, David. **A convergência tecnológica e o novo jornalista**. Brasília/DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 2013. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/575/490>>; Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA, Xulia. **Teoria da Comunicação**. Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S.p.A., Milan, 1985. Disponível em: <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53189875/mauro\\_wolf\\_teorias\\_da\\_comunicacao\\_1-with-cover-page-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53189875/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao_1-with-cover-page-)> Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Thais Aparecida dos. **Representação da mulher negra nos jornais da tv brasileira**, 2020. Varginha: Unis, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1376/1/TCC%20-%20THAIS%20APARECIDA%20DOS%20SANTOS.pdf>> Acesso em: 20 out. 2021.

SCARDOELLI, Anderson. **Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro**. 2019. Disponível em <<https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>> Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Michel dos; OLIVEIRA, Rafael Lucas Barbosa de. **O negro no mercado de trabalho: o preconceito nas organizações.** Palmeira dos Índios: 2019. Disponível em:

<<https://ri.cesmac.edu.br/bitstream/tede/638/1/O%20negro%20no%20mercado%20de%20trabalho%20-%20o%20preconceito%20nas%20organiza%C3%A7%C3%B5es..pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.

TEIXEIRA, Gustavo, MARINO, Caroline, COUTINHO, Ilusca. A representação do feminino nos jornalísticos da Rede Minas a partir do Dia Internacional da Mulher de 2018. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville - SC – 2 8 set. 2018: Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0226-1.pdf>> Acesso em: 20 out. 2021.

VIEIRA, Carolina Bernardi ; SILVA, Kamylla. **Mulheres jornalistas em pauta.** Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/189483/Projeto.pdf?sequence=10&isAllowed=y>>. Acesso em : 23 nov. 2021.

**Episódio I – TEMPO – 1H E 5 MIN.****A (não) representatividade de mulheres negras no telejornalismo de Varginha**

Apresentação: Keila Máximo

Entrevistados: Eliane Moreira - jornalista  
Luize Campos- professora de geografia e militante

Possíveis encaminhamentos: Iniciar este podcast mostrando a história de mulheres negras durante o tempo da escravidão. Mostrar a falta de mulheres negras ainda muito presente no telejornalismo como âncora na cidade de Varginha, através da perspectiva de uma repórter.

O objetivo é apresentar que o racismo estrutural é presente nas instituições televisivas e que as emissoras ainda estão pautadas nos estereótipos europeus visto que os cargos de visibilidade é ocupado por mulheres brancas.

<b>Tempo</b>	<b>Áudio/OFF</b>	<b>Áudio</b>	
0'' 10''		ABERTURA	
11'' 38''		ESCALADA	
39'' 0'54''		DESCRIÇÃO DA APRESENTADORA	
0'55'' 1'08''	EM NOSSO PRIMEIRO EPISÓDIO ABORDAREMOS TEMAS RELEVANTES PARA NÓS MULHERES CONSIDERADAS A MINORIA.// A DIFICULDADE DE MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO E PRINCIPALMENTE COMO APRESENTADORAS DE TELEJORNAIS.//	ESCALADA	
1'09'' 1'36		APRESENTAÇÃO DA 1ª CONVIDADA E AGRADECIMENTO	
1'36'' 2'37''		FALA DA PRIMEIRA CONVIDADA E DESCRIÇÃO FÍSICA	

<p>2'38" 3'18"</p>	<p>LUIZE, COMO SABEMOS A NOSSA LUTA NÃO É DE AGORA E VEM DESDE OS TEMPOS DA ESCRAVIDÃO, NÉ? EXPLICA PRA NÓS O CONCEITO DESSA HISTÓRIA./ EU ACREDITO QUE A MAIORIA AINDA NÃO CONSEGUIL ENTENDER. EU MESMA NÃO TINHA O CONHECIMENTO ENTÃO TINHA MUITA DIFICULDADE DE DEBATER SOBRE O ASSUNTO COM DEBATER O TEMA. MAS HOJE ACREDITO QUE SEJA MUITO IMPORTANTE BUSCAR ENTENDER DE ONDE VEM ESSE RACISMO ESTRUTURAL E USAR NOSSO ESPAÇO DE FALA PARA CONTINUAR BUSCANDO ESSA LIBERDADE QUE AINDA NÃO TIVEMOS, NÉ?</p>	<p>PRIMEIRA ABORDAGEM</p>	
<p>3'19" 5'56"</p>		<p>FALA DA ENTREVISTADA SOBRE A HISTÓRIA DO RACISMO</p>	
<p>5'56" 8'13"</p>		<p>CONVIDADA FALA SOBRE IMPRENSA NEGRA</p>	
<p>8'14" 9'25"</p>		<p>COMENTÁRIO</p>	
<p>9'27 11'41"</p>		<p>O AVANÇO DA REPRESENTATIVIDADE E O RETROCESSO.</p>	
<p>11'42" 11'48"</p>		<p>COMENTÁRIO</p>	
<p>11'49" 12'16"</p>	<p>A GENTE ACOMPANHA OS NOTICIÁRIOS E SEMPRE NOS</p>	<p>PERGUNTA</p>	

	DEPARAMOS COM HISTÓRIAS SOBRE RACISMO./ E HÁ QUEM DIGA QUE NÃO EXITE O RACISMO.// VOCÊ COMO MILITANTE ACREDITA QUE ESSA DÍVIDA SEJA ALGO IRRELEVANTE?//		
12'17" 15'14"		RESPOSTA DA CONVIDADA.	
15'15" 19'08"		A DÍVIDA DO ESTADO COM OS NEGROS.	
19'10" 19'32"		APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA CONVIDADA	
19'33" 20'14"		DESCRIÇÃO DA JORNALISTA	
20'16" 20'53"	EXPLICA PRA NÓS ELIANE COMO É OCUPAR UM ESPAÇO DE VISIBILIDADE SENDO NEGRA?		
20'54" 25'52"		COMENTÁRIO DA SEGUNDA CONVIDADA	
25'53" 27'10"	COMO QUE FOI ESTE PERÍODO DENTRO DA EMISSORA. NUM MEIO QUE VC NÃO TINHA NOÇÃO, SE ENXERGAVA?/ COMO VOCÊ DISSE, SUA REFERÊNCIA ERA A GLÓRIA MARIA.//		
27'11" 29' 31"		A CONCIÊNCIA DO RACISMO	
29'31" 31'36"	COMENTÁRIO		
31'37" 33'11		COMENTÁRIO CONVIDADA	
33'12" 33'24"	COMO VOCÊ DEFINI OP RACISMO E QUAIS AS ATITUDES MAIS COMUNS FEITA PELAS SOCIEDADE?//		
33'25" 38'53"		O LUGAR DE FALA E O LUGAR DE DESTAQUE.	
38'58" 39'28"	CITAÇÃO DE DJAMILA RIBEIRO "O QUE É LUGAR DE FALA?"		

39'28"		COMENTÁRIO DA PRIMEIRA CONVIDADA "O RACISMO É UM PROBLEMA DO BRANCO"	
41'55"			
41'56"	COMENTÁRIO		
42'05"			
42'06"		O PRIVILÉGIO DE SISTEMA	
43'34"			
43'34"	COMENTÁRIO ENTREVISTADA		
47'29"			
47'30"		ENTREVISTADA COMENTA "PRECISA PERMANECER"	
49'26"			
49'29"	COMENTÁRIO		
49'42"	PERGUNTA:		
49'59"	ELIANE, FALANDO SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER, VOCÊ QUE JÁ TEM HJISTÓRIA. VOCÊ JÁ SE SENTIL OFENDIDA PELA SUA COR NO SEU LOCAL DE TRABALHO?//		
49'59''		CONVIDADA RESPONDE O RACISMO INSTITUCIONAL	
56'58''			
56'58''	NA SUA VISÃO A QUANTIDADE DE MULHERES NO TELEJORNAL AINDA É PEQUENA? E COMO CONQUISTAR MAIS ESPOÇOS?		
57'12"			
57'13''		ENQUANTO SE PODE CONTAR NOS DEDOS A GENTE TEM UM PROBLEMA.	
59'44''			

59'45'' 59'56''	COMENTÁRIO ENTREVISTADA		
59'58'' 1'00''52''		COMENTÁRIA CONVIDADA	
1'00'54'' 1'04''41''	FINALIZAÇÃO		

**ANEXOS**

Figura 1 – Número de Jornalistas definido por raça e gênero na cidade de Varginha



Figura 2 – Mulheres negras em cargos de visibilidade

